

## ERIC WEIL LEITOR DE MAQUIAVEL: COMENTÁRIOS ACERCA DE “MAQUIAVEL HOJE”\*

### ERIC WEIL READER OF MACHIAVELLI: COMMENTS ON “MACHIAVELLI TODAY”

Judikael Castelo Branco\*\*

E-mail: Judikael79@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/000-0002-4551-2531>

#### Resumo

Este artigo retoma a recensão “Maquiavel hoje” de Eric Weil a partir de duas diferentes perspectivas. *In primis*, considera o texto a partir da caracterização da “recensão múltipla” como gênero filosófico-crítico-literário e das informações presentes na correspondência do autor com Georges Bataille. Depois, procede-se à interpretação do texto, salientando o que a recensão pode acrescentar à compreensão do pensamento político weiliano.

#### Palavras chave

Eric Weil. Maquiavel. Recensão múltipla. Estado. Política.

#### Abstract

This article looks at Eric Weil’s review “Machiavelli Today” from two different perspectives. *In primis*, it considers the text based on the characterization of the “multiple review” as a philosophical-critical-literary genre and the information present in the author’s correspondence with Georges Bataille. It then proceeds to interpret the text, highlighting what the review can add to the understanding of Weilian political thought.

#### Keywords

Eric Weil. Machiavelli. Multiple review. State. Politics.

### 1. Introdução

Em “Maquiavel hoje”, Eric Weil revisa um conjunto de obras sobre o Florentino editadas entre 1945 e 1949. Trata-se de uma recensão originalmente publicada na prestigiosa revista *Critique*, de Georges Bataille, em 1951. Se, em geral, uma resenha implica um caráter circunscrito, limitado à apreciação crítica do objeto analisado, em Weil, esse exercício representa muito mais. Para o filósofo, as recensões constituem antes de tudo ocasiões para a exposição de aspectos particulares do seu pensamento, partindo justamente do contexto formado pelos trabalhos em análise. Com efeito, entendidas assim, as recensões weilianas, que só na *Critique* ultrapassam uma centena,

---

\* Uma versão estendida deste texto foi apresentada como conferência pronunciada por via remota, no dia 13 de abril de 2023, no âmbito do Workshop Internacional Eric Weil 2023, realizado com apoio do Edital PIPRINT 11915/2022 da PUC-SP.

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Université de Lille (UL). Professor de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

extrapolam os limites característicos do gênero e assumem um aspecto próprio, às vezes aproximando-se muito mais do ensaio.

As marcas peculiares desses textos de Weil se mostram com particular nitidez nas suas “recensões múltiplas”, um estilo filosófico-crítico-literário que de certo modo se tornou a cifra da colaboração weiliana no periódico de Bataille. “Maquiavel hoje” é exemplar desse tipo de escrito.

Por seu turno, para Weil, o valor da recensão como gênero de escrita filosófica pode ser indicado não só pela observação da frequência com que o filósofo se dedica a esse exercício, mas também pelo fato de que ele inseriu muitas delas nas coletâneas de seus textos, publicadas no início da década de 1970. De fato, não é fortuito que o autor retome no segundo volume de *Essais et conférences* (WEIL, 1991) suas análises sobre *Fundamental Law in English Constitutional History*, de John Wiedhofft Gough, *Freedom and Civilization*, de Bronislaw Malinowski e *The Idea of Nationalism*, de Hans Kohn, além das suas recensões múltiplas sobre Rousseau e Maquiavel. Reeditar essas e outras recensões, algumas delas redigidas há mais de duas décadas, demonstra como, na visão do seu autor, elas vão além dos limites que comumente concernem ao gênero.

Em “Maquiavel hoje”, Weil concentra-se nos livros de Leonhard von Muralt (*Machiavelis Staatsgedanke*) e Gerhard Ritter (*Das sittliche Problem der Macht e Die Dämonie der Macht*), para chamar atenção para as transformações nas perspectivas dos estudos sobre o Florentino no imediato pós-guerra. Grosso modo, trata-se de obras que, sobretudo depois dos trabalhos de Claude Lefort, John Pocock e Quentin Skinner, já não são tão presentes entre os interessados no pensamento maquiaveliano. Contudo, as mudanças que von Muralt e Ritter representam continuam importantes, assim como ainda são relevantes os problemas que eles levantam e as questões que podem ser suscitadas a partir dos limites, dos excessos e das imprecisões de suas interpretações.

O objetivo do presente artigo é, portanto, retomar “Maquiavel hoje” emoldurado em dois diferentes registros. No primeiro, toma-se o escrito à luz da caracterização do gênero “recensão múltipla” e das informações encontradas na correspondência entre Weil e Bataille. No segundo, procede-se à interpretação do texto, procurando salientar aquilo que a recensão de 1951 acrescenta para a compreensão do pensamento político weiliano.

## **2. Weil e a revista *Critique*: as recensões múltiplas como gênero filosófico-crítico-literário**

Nosso ponto de partida, ao mesmo tempo banal e fundamental, é a afirmação de que o texto weiliano só pode ser efetivamente compreendido se considerado na moldura de sua publicação original, quer dizer, no contexto da colaboração de Eric Weil na revista *Critique*.

Ao todo, entre 1946 e 1971, Weil publicou mais de uma centena de recensões na prestigiosa revista fundada por Georges Bataille a partir de um projeto elaborado em colaboração com Pierre

Prévost<sup>1</sup>. Logo, como pontua Sylvie Patron (2014, p. 10), “contrariamente ao que muitas vezes se afirma na literatura sobre Weil, o filósofo *não é* cofundador de *Critique* com Bataille”<sup>2</sup>. O que, porém, não diminui o papel desempenhado por ele sobretudo nos primeiríssimos anos da revista. De fato, em entrevista de 1948, publicada em *Le Figaro Littéraire*, o próprio Bataille sublinha, descrevendo as origens e as intensões do periódico, que “sem [Maurice] Blanchot, não mais do que sem Eric Weil, eu não poderia realizar minha revista” (ARBAN, D. 1948, p. 5, citado em PATRON, 1999, p. 365).

Quanto às recensões weilianas, podemos indicar pelo menos duas características essenciais. A primeira diz respeito à recensão múltipla que, conforme Bevilacqua (1982, p. 10), foi “desde o início uma sigla original de *Critique*”, diferente dos *Forschungsberichte* da tradição acadêmica alemã, e que “Weil tornou um novo gênero crítico-literário, como bom aristotélico elaborou, sem pensar e quase sem querer, uma retórica da recensão”.

Trata-se da proposta de um “esquema” no qual um dos livros recenseados serve como pilar, considerado de forma resumida, mas completa, exposto ao juízo do recenseur que, em seguida, passa em revista outros livros, extraindo destes apenas o que podem acrescentar ao tema crítico tratado. Exemplos muito bem acabados desse exercício são vistos em “Questions Allemandes” (1946 e 1947), “Maquiavel aujourd’hui” (1951), e “J.-J. Rousseau et sa politique” (1952)<sup>3</sup>.

Como bem observaram Bevilacqua (1982, p. 11) e Sichirollo (1989, p. 19-21), cujos argumentos resumimos, nessas recensões múltiplas, não se diz que a obra tomada como eixo seja a mais importante, mas simplesmente aquela que permite que Weil sistematize o conjunto de questões, desvelando, gradativamente, o seu próprio ponto de vista, integrando e ampliando o que

<sup>1</sup> “Weil encontrou em *Critique* um espaço no qual se sentia totalmente confortável. Aliás, penso que ele a inventou para seu próprio uso. Muitos dos seus grandes ensaios nasceram ali, resultado de algo como 150 recensões em dez anos” (SICHIROLLO, 1996, p. 19).

<sup>2</sup> Livio Sichirollo é com certeza um dos responsáveis pelo equívoco em torno da verdadeira posição de Eric Weil na história da revista *Critique*. Com efeito, Sichirollo afirma em mais de uma ocasião que Weil, “com Georges Bataille, fundou *Critique* (...), por vinte anos a melhor revista da Europa” (SICHIROLLO, 1982, p. 180), descrevendo ainda a fundação da revista como uma “excepcional aventura” que Weil dividiu com Bataille (SICHIROLLO, 1996, p. 18). A mesma ideia aparece também em Perine, quando descreve o quadro com os seguintes termos: “Terminada a guerra, voltou a Paris e, com Georges Bataille, Raymond Aron, Jean Wahl e outros, fundou a revista *Critique*, na qual colaborou decisivamente em seu primeiro decênio” (PERINE, 2013, p. 29). Outro intérprete de Weil, Francis Guibal, opta por uma fórmula menos categórica, dizendo simplesmente que “depois da libertação, Weil participou na fundação da revista *Critique*” (GUIBAL, 2002, p. 22). Somente a revisão de Sylvie Patron precisou, de fato, o papel de Weil no projeto de uma das revistas mais prestigiosas da Europa no imediato pós-guerra: “Weil começou a colaborar na redação bem cedo, desde janeiro de 1946, dando listas de títulos de obras, notadamente estrangeiras, para *Critique*. Ele não fazia parte do primeiro comitê de redação previsto por Bataille e Prévost, que reunia Pierre Josserand, Jules Monnerot e Albert Ollivier (...). Nas cartas de Bataille a Prévost, Weil é primeiro mencionado como colaborador para um artigo sobre o materialismo dialético, a propósito de um ensaio de Étienne, depois como membro do comitê de redação, membro muito engajado e ativo, mas também muito marcado politicamente, recrutado com Blanchot” (PATRON, S. 2014, p. 10-11). Finalmente, sobre a relevância da revista *Critique*, veja-se François Dosse (2022, p. 528-530).

<sup>3</sup> Cf. Esses dois últimos disponíveis em tradução portuguesa como “Maquiavel hoje” (WEIL, 2022) e “Rousseau e sua política” (WEIL, 2023).

é dito pelos outros autores. Weil procura, a princípio, uma abordagem neutra, para depois sugerir que os aspectos ilustrados pelo autor recenseado talvez não sejam de fato essenciais; assim, faz emergir o verdadeiro problema presente no tema. Muitas vezes, o autor apreciado não o apreendeu, mesmo tendo o mérito de oferecer o ponto de apoio necessário para percebê-lo. Numa palavra, depois da intervenção de Weil, todos os livros parecem escritos pela metade, aquém das possibilidades de pesquisa e de aprofundamentos requeridos. Mas isso não é dito de forma explícita, antes, resulta das espirais cada vez mais amplas em que a exposição se desenvolve. “Ao final, mesmo alguém não especializado entende o que é filosofar no sentido lato e originário do termo” (BEVILACQUA, 1982, p. 11).

A segunda característica aponta muito mais para os interesses do filósofo. Com efeito, concentrando-nos apenas nos anos iniciais de sua colaboração com a revista, chama atenção o fato de que os livros recenseados por Weil sejam, em sua maioria, obras de historiadores, juristas e políticos, muitos deles homens de ação, e quase todos empenhados em compreender os eventos em torno da ascensão dos movimentos totalitários e da Guerra que se seguiu ao anúncio do “evangelho hitleriano” (WEIL, 1982, p. 51).

De certa forma, “Maquiavel hoje” representa perfeitamente essas características. Por um lado, o ensaio-resenha concede a Eric Weil a oportunidade – partindo da análise de trabalhos sobre Maquiavel publicados ou reeditados entre 1945 e 1949 – de expor aspectos substanciais do seu pensamento político. Por outro lado, o Florentino é tomado antes de tudo como um “grande homem” (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 241).

O projeto de uma “visão do conjunto sobre Maquiavel” (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 241)<sup>4</sup> foi desenvolvido, segundo as informações encontradas nas cartas de Weil a Bataille, a partir de meados de 1950 e muito provavelmente concluído no início do ano seguinte. O autor fala pela primeira vez a respeito de seu plano em uma missiva de 13 de junho de 1950. Trata-se de uma carta particularmente interessante, na qual o remetente relata o andamento dos trabalhos de alguns colaboradores da Revista, como Alphonse De Waelhens, que àquela altura escrevia sobre *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*, de Edmund Husserl, e Roger Caillois, a quem Weil pedira para lidar com o *Sophokles [Sófocles]*, de Karl Reinhardt. Em seguida, o filósofo indica uma lista de títulos que, consoante o seu julgamento, mereciam atenção. Um elenco diversificado, começando pelo *Holzwege [Caminhos da floresta]* de Heidegger<sup>5</sup>, passando depois por Jean-Bertrand Barrère, Thomas Munro, as cartas de Dostoievski, Georges Poulet, Frances Yates, para terminar

<sup>4</sup> Porém, não se pode dizer que se trate de um interesse novo. Na verdade, Alain Deligne lista o nome de Maquiavel ao lado de Pomponazzi entre os primeiros objetos da atenção de Weil. Cf. Alain Deligne (2022, p. 155-156).

<sup>5</sup> Weil sugere a Bataille que se peça a Krüger essa resenha, autor de alguns artigos de primeira ordem sobre Heidegger, e que Weil esperava encontrar em Royaumont (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 200).

com Geoffrey Keynes. Apresenta ainda um elenco de dez livros com os quais ele mesmo gostaria de se ocupar, para, enfim, comunicar seus trabalhos já iniciados, nomeadamente, um artigo sobre Alexandre, o Grande<sup>6</sup>, outro sobre Franklin Roosevelt (WEIL, 1951b) e, finalmente, aquele acerca de Maquiavel (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 202).

No que concerne especificamente à recensão sobre Maquiavel, em 28 de agosto do mesmo ano, Weil reclama do atraso do envio do livro de Leonhard von Muralt, *Machiavelis Staatsgedanke* (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 226). Já em 18 de outubro, fala do seu interesse em incluir no ensaio alguma observação acerca do trabalho de Charles Mayer, *Les principes de Machiavel et la politique de la France*, que, ao final, não será mencionado (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 241). A última referência se encontra na carta seguinte, com data de 31 de outubro, quando Eric Weil lamenta não poder indicar a data precisa para a conclusão do texto em função do retorno das aulas e das “pilhas de provas que não podiam mais esperar” (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 242).

### 3. Eric Weil leitor de Maquiavel

Eric Weil se volta para Maquiavel a partir de uma perspectiva singular. Com efeito, nas palavras do nosso filósofo, o Florentino não apenas dispõe de um lugar entre os “grandes homens” da tradição e da história da civilização ocidental, ao lado de Platão, Aristóteles, Homero, Horácio, Montaigne e Shakespeare, mas aparece, no domínio da política, como o único nome. Como sinal incontornável dessa realidade, Weil aponta para as constantes referências ao autor d’*O Príncipe* em situações relacionadas à política, o que, no entanto, não significa que ele seja de fato compreendido ou mesmo conhecido.

Em linhas gerais, a recensão weiliana repousa sobre o reconhecimento de um quadro novo no que concerne ao interesse por Maquiavel no imediato pós-guerra. É o que fica particularmente patente diante do inventário de títulos sobre o secretário florentino escritos entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A relação de Weil recupera as obras de Pasquale Villari (1877-1922. 3 vol.), Thomas Babington Macaulay (2004)<sup>7</sup>, Augustin Renaudet (1956), Albert Chérel (1935), Charles Benois (1934) e Pierre Mesnard (1940). Em que pesem as suas diferenças, todos esses trabalhos, segundo o parecer weiliano, julgam Maquiavel a partir de juízos mais antigos.

A situação muda radicalmente quando “a última guerra trouxe Maquiavel das bibliotecas à praça pública” (WEIL, 2022, p. 3). Numa palavra, se até ali o seu nome era invocado para tratar da

<sup>6</sup> Embora Weil comente em outras ocasiões sobre o artigo dedicado a Alexandre (BATAILLE; WEIL, 2014, p. 225), o texto jamais foi publicado.

<sup>7</sup> Em edição original de 1850.

questão apaixonada sobre a *raison d'être* da política, ou, mais simplesmente, se ela era boa ou má, depois da guerra,

Não se pergunta mais: que política é preciso seguir? Deseja-se saber o que é a política, esse “destino do homem moderno”. Qual é o lugar da política? Existe uma moral que se oponha à política? Podemos viver fora da política? O que se pode e o que se deve esperar da política? Uma comunidade humana pode salvaguardar ao mesmo tempo a ordem e o que, para o indivíduo, torna a vida digna de ser vivida? A política tem suas próprias leis, comparáveis às da natureza, e, supondo que seja assim, devemos aprender a conhecê-las e a nos servirmos delas? (WEIL, 2022, p. 3).

Para Weil, é diante dessas novas perguntas que a sombra de Maquiavel se ergue outra vez, para falar com calma, como toda sombra antiga, tratando de todas as respostas possíveis, inclusive daquelas indesejáveis ou consideradas sem importância. Os livros recenseados em “Maquiavel hoje” servem ao recenseur como comprovação deste fato.

Os dois primeiros trabalhos lembrados por Eric Weil são a tradução francesa do romance de Maughan Somerset, *Plus ça change*, que no ensaio weiliano é comparado à *Mandrágora*, e a biografia de Marcel Brion, *Machiavel*, mencionada quase de passagem.

Outros livros, porém, demandam outro tipo de atenção, porquanto se pretendem mais *sérios*, isto é, *filosóficos*. É o caso de *Les Machiavéliens*, de James Burnham. Aqui, uma tese simples se apresenta em toda a sua clareza: “Maquiavel é um homem de ciência (...), o homem da análise objetiva que não esconde, atrás da cortina de fumaça das justificativas ‘nobres’ e ‘morais’, as realidades da luta pelo poder” (WEIL, 2022, p. 5). Apesar dos limites da visão de Burnham, que na análise weiliana não foi capaz de discernir todos os traços essenciais do pensamento de Maquiavel nem de escapar de imprecisões históricas, o livro vê o que muitos historiadores qualificados negligenciaram, além de insistir no fato de que o Florentino foi um “inimigo declarado dos tiranos” (WEIL, 2022, p. 5).

No entanto, aquilo que verdadeiramente deve nos interessar é o fato de que a apreciação da obra de Burnham oferece a Weil a oportunidade de expor um dos aspectos mais fundamentais do seu próprio pensamento político. Na verdade, o realismo político que Burnham vê em Maquiavel não é senão a redução da política à luta pelo poder. É essa redução que Weil critica, protestando contra os realistas, sem, contudo, tomar o partido dos idealistas. O filósofo registra, não sem ironia, que é “certamente possível dizer que toda a política é uma luta pelo poder. Mas o que se deseja saber é de que poder se trata, de quais formas de luta, de quais homens” (WEIL, 2022, p. 6). Os limites desse realismo talvez se mostrem ainda mais evidentes quando seus defensores falam do progresso sem pensar na dificuldade de determinar o sentido do movimento histórico, único critério que poderia dar um fundamento a seus juízos de valor.

É também digna de nota a reedição, em 1948, de *Diálogo no inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, de Maurice Joly. Com efeito, não é sem razão que, nesse contexto, veja-se novamente editado um antigo panfleto no qual Maquiavel é, antes de tudo, alguém que domina a arte da mentira, que sabe como se costura a pele da raposa sobre a do leão.

Porém, o eixo da recensão se mostra quando Weil aborda as obras de dois historiadores de língua alemã, quais sejam, *Das sittliche Problem der Macht* e *Die Dämonie der Macht*, de Gerhard Ritter (1848; 1949), e *Machiavellis Staatsgedanke*, de Leonhard von Muralt (1945). Nesses trabalhos, o recenseur encontra finalmente a associação entre a interrogação apaixonada e a busca paciente<sup>8</sup>. No mais, se Maquiavel representa, de fato, o profeta da técnica na política, não é fortuito que esses livros tenham aparecido no idioma do povo “que levou ao extremo a aplicação do sistema de técnica política que se chama, de forma errada, maquiavelismo” (WEIL, 2022, p. 7). Do mesmo modo, não é fruto do acaso que von Muralt, que escreve na condição de espectador aterrorizado, e Ritter, que resistiu à tirania, cheguem a imagens radicalmente diferentes do Florentino. Não obstante os exageros nos quais um e outro possam incorrer, ambos compartilham da virtude de deixar Maquiavel falar, convencidos de que ele tenha algo a nos dizer.

Segundo Weil, livro de von Muralt tem a vantagem de facilitar o acesso aos verdadeiros problemas do pensamento de Maquiavel, concentrando-se principalmente na tese de que o autor d’*O Príncipe* é, essencialmente, um adversário do maquiavelismo. Recorrendo às fontes justas, von Muralt demonstra, por exemplo, que Maquiavel não ignora a honestidade, que afirma a democracia como único sistema válido, subordina a *virtù* à *bontà*, não despreza a religião, bem como se afasta do historicismo e do relativismo moral. Talvez a recensão exagere nas cores onde von Muralt opta pela matização, mas no essencial é disso que se trata.

A análise weiliana sublinha os limites da interpretação do historiador suíço, com especial atenção às relações entre religião e política, muito mais complexas do que von Muralt quer fazer parecer. Partindo dessa e de outras observações, Weil conclui que a tese exposta em *Machiavellis Staatsgedanke* é verdadeira, mas não contém *toda a verdade*, afinal, se o resultado de von Muralt é tão diferente daquela opinião corrente sobre Maquiavel, por que essa mesma opinião, tão injusta, pôde alcançar tanto crédito por mais de quatro séculos?

---

<sup>8</sup> É um dado reconhecido entre os especialistas na obra de Maquiavel que as pesquisas sobre o Florentino foram reorientadas depois dos trabalhos de Lefort, Pocock e Skinner. De certo modo, esse novo cenário formado a partir da década de 1970, explica a ausência dos autores recenseados por Weil em obras importantes no Brasil, como o famoso livro de Newton Bignotto (1991) e a recente publicação de Sergio Cardoso (2022). Contudo, a relevância dos livros de von Muralt e Ritter é reconhecida pelo próprio Lefort (1986, p. 206-236). Por seu turno, Roberto Esposito (1999, p. XXVI) salientava, no fim década de 1990, a atualidade do texto de Ritter, traduzido em italiano com o sugestivo título *Il volto demoniaco del potere*.

É em função dessa pergunta que Weil passa à revisão das obras de Ritter, começando pela compreensão da expressão *demonia* presente no título mais importante do autor<sup>9</sup>. Weil se ocupa nesta altura em traduzir para o público francófono uma dificuldade que talvez não fosse tão sentida pelos leitores versados na língua original do texto, uma vez que, na cultura alemã, Goethe já havia reconduzido o termo ao seu registro grego, isto é, libertado a palavra do peso que ela ainda carregava no contexto francês e católico. Assim, o demônio não tem a ver com o diabo, mas é o gênio que guia o homem, e o “demônico”, o homem que cria a história. Nesse sentido, Maquiavel surge como aquele que “pensou mais profundamente a *demonia* da potência, esse caráter ambíguo, ambivalente da potência: servindo tanto ao bem quanto ao mal, ela carrega o homem de ação para apoderar-se dele no final, para arrastá-lo, dominá-lo, destruí-lo” (WEIL, 2022, p. 11).

É esse conceito que permite a Ritter não só distinguir dois modelos fundamentais de pensamento político, a saber, o continental e o anglo-saxão, mas também destacar aquilo que talvez von Murlalt tenha ignorado, isto é, o fato de que o problema capital para Maquiavel é precisamente o poder, e por conseguinte, os meios necessários para adquiri-lo e para mantê-lo<sup>10</sup>.

A distinção entre essas duas ideias de política permite tomar Maquiavel como a personagem que justifica o realismo político da Alemanha ao encarnar a maneira de pensar própria de um país obrigado a construir-se, circundado por adversários potenciais ou reais. Não surpreende, portanto, que Ritter, mesmo tendo sofrido nas prisões de Hitler, tenha sido acusado de ser nazista. Na realidade, trata-se de um conservador, quer dizer, representante de um conservadorismo que compartilha com o nazismo a concepção do Estado como concentração do poder e o caráter inevitável da luta política, mas que se distingue pela afirmação de valores diferentes daqueles políticos, como valores individuais, humanos, transcendentais e morais. Nesse sentido, o poder

---

<sup>9</sup> Sobre *Die Dämonie der Macht*, Weil comenta: “Este último é um título sobre o qual devemos nos deter um instante: é impossível traduzi-lo em francês [assim como em português] sem forçar a língua. Pois o que quer dizer a palavra *demonia*, que deixamos como está no original?” (WEIL, 2022, p. 10). A última observação procura justamente explicar o emprego de “*demonia*” – que, acompanhando a letra do autor, conservamos também em nossa tradução. O sentido do gesto weiliano pode ser compreendido quando consideramos que, logo em seguida, é evocado o nome de Paul Tillich (WEIL, 2022, p. 11). Com efeito, a obra desse teólogo transformou o termo, no seu uso neutro, *Das Dämonische* – mormente vertido em português para “demônico” –, na primeira e mais fundamental referência para o argumento (Sobre a importância do demônico na teologia de Tillich, cf. DANZ; SCHÜBLER, 2018). No entanto, a nosso ver, no caso específico do texto weiliano, manter a distinção entre o substantivo *demonia* e o adjetivo demônico acarreta a vantagem suplementar de evitar as cacofonias que existem, por exemplo, na tradução italiana que assumiu para ambos a expressão *demonico*, precisando, por isso, procurar recursos estilísticos para evitar possíveis confusões. Sobre as justificativas de Mario Stefanoni para o uso de *demonico*, veja-se WEIL, 1982, p. 165, n. 1. Já para a translação de *Macht*, seguimos de novo Eric Weil, que utiliza *puissance*, vertida para o português como “potência”, termo que, a nosso ver, é bem mais amplo que “poder”. Agradeço as valiosas observações de Evanildo Costeski acerca do “demônico” em Ritter, Weil e Tillich.

<sup>10</sup> “Maquiavel discerniu com extrema clareza que a potência é a condição necessária de toda realização histórica; ele escarnece dos profetas desarmados e das pessoas que se envolvem nos negócios do Estado sem querer jogar o jogo: pode-se abster disso, mas uma vez envolvido, não se tem mais o direito de se deter à metade do caminho e sucumbir aos escrúpulos, de qualquer ordem que estes sejam. Virtude, honestidade, religião, são fatores que é preciso considerar na política, mas que não devem dominar o homem de Estado” (WEIL, 2022, p. 12).

deixa de ser um fim em si mesmo e passa a ser visto como instrumento indispensável. Mas, então, o que constituiria um fim? O resultado é uma “posição ambígua diante do problema da potência; posição que reconhece que existe um problema, mas que não permite entrever o meio para resolvê-lo, porque a potência continua irremediavelmente amoral” (WEIL, 2022, p. 13).

É aqui que Weil passa à outra obra de Ritter, *O problema ético (ou moral) da potência*. A pergunta inicial se volta à relação entre potência e moral. Nas palavras de Evanildo Costeski (2019, p. 101), podemos colocar as coisas nestes termos: “o verdadeiro político, mesmo durante a luta, deve conservar a razão, a verdadeira razão de Estado. Ele deve saber o que quer. Mas se o poder político é amoral, que tipo de razão de Estado será essa?”. O problema recebe, então, seus contornos definitivos, pois a explicação pelo demônico não resolve nada, uma vez que esse termo não ajuda a formular a questão.

Pois o fundo da questão é, muito simplesmente, que não há problema moral para a potência, nenhum problema moral do demônico; o único problema é o da potência para a moral (ou, como Ritter diz algumas vezes, de uma forma que preferimos: para a razão), e enquanto é absurdo exigir da potência uma moral, tão absurdo quanto demandar uma moral à natureza ou à paixão – nós não falaremos da exigência estritamente pessoal do indivíduo em relação a si próprio: estamos no terreno da política –, é perfeitamente legítimo, perfeitamente natural pedir que a moral e a razão se ponham o problema de saber como farão para se realizar no plano da potência (WEIL, 2022, p. 14).

Os termos da análise de Weil espelham uma das bases da sua filosofia. Com efeito, *mutatis mutandis*, a sua afirmação de que a moral não constitui um problema para a potência, mas de que a potência é um problema para a moral, aparece como uma reelaboração da sua insistência sobre o problema da violência para a razão (e nunca o inverso). A questão é, então, reconhecer que já não bastam as boas intenções quando lidamos com a potência simplesmente, porque essas não são capazes de dizer o que se deve fazer ou o que se deve compreender. A crítica weiliana se expressa então com invulgar clareza: “Uma vez que se permitiu separar abstratamente moral e política, nenhum deus fará mais viver o cadáver despedaçado da realidade” (WEIL, 2022, p. 14).

### Considerações finais

Weil enumera finalmente uma série de questões talvez não tratadas de maneira suficiente pelos intérpretes recenseados. Ao fim e ao cabo, para Weil, Maquiavel soube apreender a realidade sob seu registro político e as diferentes e inconciliáveis formas de determinar o essencial de sua doutrina provêm de visões parciais de uma obra que exige um conhecimento abrangente.

*In primis*, seu problema é a fundação de um Estado. Porém, é igualmente essencial insistir que, como leitor de Políbio, influenciado pelas teorias astrológicas da história circular – para a qual nada dura eternamente –, admirador do ideal grego da cidade independente – que encontra nas

idades livres da Alemanha setentrional, protegidas pelas forças do Império, mas desprotegidas contra essas mesmas forças –, não crê que o melhor Estado possa subsistir em sua forma perfeita. Eis as razões para as receitas d’*O Príncipe* e das reflexões dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*: “tudo o que mantém o Estado é lícito, é obrigatório” (WEIL, 2022, p. 15).

Então, tudo parece se encerrar naquele célebre princípio segundo o qual *o fim justifica os meios*. Princípio verdadeiro, pois como um meio seria justificado senão por seu fim? E Weil vai ainda mais longe ao interrogar “para que serviria um fim no domínio da ação, senão para justificar a escolha dos meios, dado que, nesse plano, o fim só é agente e real justamente nos meios que ele põe em ação?” (WEIL, 2022, p. 15).

O Estado constitui um fim, porque fora dele não é possível falar de moral, de valores ou de razão, fora dele só há violência. Somente dentro de um Estado de justiça o homem pode ser justo, porque só ali ele será educado para a honestidade. Aqui, Maquiavel não se afasta em nada da tradição ocidental grega, romana e cristã. Todas têm a ver com a experiência de que o homem não é razão, mas razoável, que pode seguir a razão se for educado na comunidade dos homens. O Estado é, assim, a forma real na qual a comunidade age e assume conscientemente suas responsabilidades.

Em segundo lugar, o pessimismo de Maquiavel repousa sobre a aceitação de que o homem sem lei é um homem sem lealdade. Nesse sentido, torna-se imensamente importante a observação de von Muralt de que a *bontà* pode ser traduzida por honestidade, sem a qual não pode haver Estado. Na ausência da honestidade, caberá ao fundador ou ao reformador usar a violência para vencer a violência. Eis, portanto, os verdadeiros heróis de Maquiavel, um porque enforma uma comunidade razoável, outro porque restabelece sua força original.

Haveria, assim, uma aporia insuperável no pensamento maquiaveliano quando este não apenas valoriza a *bontà*, mas se inclina à república e às instituições livres ao mesmo tempo que elogia a “mistura de violência e de astúcia” (WEIL, 2022, p. 18)? Para Weil, essas contradições só aparecem quando projetamos no mesmo plano “os conceitos, essencialmente diferentes, do fundador e da autoridade legal” (WEIL, 2022, p. 18). O fundador não conhece nem lei nem religião, pois

Moral e religião pertencem a um povo constituído em Estado sob leis, por leis, melhor ainda: nas leis. Só no Estado o homem pode aspirar a essa segurança que é o seu mais profundo desejo, a essa honra que lhe dá um valor aos seus próprios olhos, porque ela é o valor que lhe dão os seus iguais. Criando (ou renovando) boas leis, o homem supera a medida humana e, verdadeiro semideus, se eleva à imortalidade (WEIL, 2022, p. 18).

É desse semideus que a Itália de Maquiavel carece em meio à rapinagem dos banqueiros, dos pequenos potentados, da nobreza opressora, das ruínas do feudalismo e dos *condottieri* incapazes de engendrar um Estado digno deste nome. Por isso, é injusto falar que o maquiavelismo derive de Maquiavel, porque este não fala de um Estado constituído e sadio, mas das condições para a sua fundação. Agora podemos entender como ele rejeita o tirano e apela ao herói.

Os últimos comentários de Weil se referem à política externa, e suas anotações sublinham os limites autoimpostos por alguém preocupado em compreender as causas dos ódios e das divisões internas, tão envolvido por esta inquietação que se mostrou, em mais de uma ocasião, capaz de sonhar com um Estado “fora do contato com outros Estados” (WEIL, 2022, p. 21). Por último, se entre os Estados não há lei, se é preciso defender o Estado no qual se vive, “é preciso viver em um Estado que valha a pena defender” (WEIL, 2022, p. 21).

Por que Maquiavel volta em tempos de crise? Porque soube tratar das dificuldades para que se apresentem conjuntamente as condições necessárias e os homens capazes de tomá-las para fundar ou para reformar o Estado. Mas, para o Florentino, a *fortuna* já nos sorriu na República de Roma e nada pode nos impedir de esperar que ela volte a sorrir para nós.

A grandeza de Maquiavel é, finalmente, “saber dizer as coisas como elas são” (WEIL, 2022, p. 21), expondo aspectos contraditórios da realidade política. Um esforço que Weil reconhecerá também em Hegel, Marx e Weber (cf. DELIGNE, 2022, p. 215) e que ele mesmo empreenderá em sua Filosofia política, na qual todos esses gigantes estarão, cada um a seu modo, e sobre os quais o pensamento de Weil pretende apoiar-se para ver mais longe. Um pensamento que não reduz a política à luta de grupos pelo poder, mas a concebe como uma tentativa de moldar o mundo de acordo com o sentido que se faz dele, o que, por um lado, envolve fazer prevalecer um determinado ponto de vista, e, por outro, dá significado ao processo histórico.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, S. “Maquiavel: a exceção da tirania”. *Síntese*, v. 3, n.7, 1976, p. 79-90.
- ARBAN, D. “Cinque minutes avec... Georges Batailles”. *Le Figaro Littéraire*, 17-07-1948.
- BATAILLE, G.; WEIL, E. *À en-tête de Critique*. Correspondance, 1946-1951. Paris: Lignes, 2014.
- BENOIS, C. *Machiavel et le Machiavélisme*. Paris: Plon, 1934.
- BEVILACQUA, G. “In limini”. In: E. WEIL, *Questioni tedesche*. A cura di L. Sichirollo. Urbino: Quattro Venti, 1982, p. 5-14.
- BIGNOTTO, N. *Maquiavel republicano*. São Paulo: Loyola, 1991.
- CARDOSO, S. *Maquiavelianas: lições de política republicana*. São Paulo: Editora 34, 2022.
- CHÂTELET, F. *Chronique des idées perdues*. Paris: Stock, 1977.
- CHÉREL, A. *La pensée de Machiavel en France*. Paris: L'Artisan du livre, 1935.

- COSTESKI, E. “O demônico da potência em Maquiavel segundo Gerhard Ritter e Eric Weil”. In: VALDÉRIO, F. et al. (org.). *Ceticismo, dialética e filosofia contemporânea*. São Paulo: ANPOF, 2019, p. 98-106.
- DANZ, Ch.; SCHÜBLER, W. (Hrsg.). *Das Dämonische*. Kontextuelle Studien zu einer Schlüsselkategorie. Berlin: De Gruyter, 2018.
- DELIGNE, A. *L'itinéraire philosophique du jeune Éric Weil*. Villeneuve d'Ascq: Septentrion, 2022.
- DOSSE, F. *A saga dos intelectuais franceses: 1944-1989*. Trad. G. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2022.
- ESPOSITO, R. *Categorie dell'inpolitico*. Bologna: Il Mulino, 1999.
- GUIBAL, F. *Historia, razón, libertad. Una introducción al pensamiento político y filosófico de Eric Weil*. Lima: PUCP Fondo Editorial, 2002.
- JOLY, M. *Dialogue aux Enfers entre Machiavel et Montesquieu*. Paris: Calmann-Lévy, 1948.
- LEFORT, C. *Le travail de l'œuvre Machiavel*. Paris: Gallimard, 1986.
- MACAULAY, T. *Essay on Machiavelli*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2004.
- MESNARD, P. *L'essor de la philosophie politique au XVI<sup>e</sup> siècle*. Paris: Plon, 1940.
- MURALT, L. *Machiavellis Staatsgedanke*. Basel: Benno Schwabe, 1945.
- PATRON, S. “Préface”. In: BATAILLE, G.; WEIL, E. *À en-tête de Critique*. Correspondance, 1946-1951. Paris: Lignes, 2014, p. 7-24.
- PATRON, S. *Critique, 1946-1996. Une encyclopédie de l'esprit moderne*. Paris: Éditions de l'IMEC, 1999.
- PERINE, M. *Filosofia e violência*. Sentido e intenção da filosofia de Eric Weil. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1987.
- RENAUDET, A. *Machiavel*. Paris: Gallimard, 1956.
- RITTER, G. *Das sittliche Problem der Macht*. Berne: Francke, 1948.
- RITTER, G. *Die Dämonie der Macht*. Munich: Oldenbourg, 1949.
- SICHIROLLO, L. “Eric Weil”. In: KIRSCHER, G.; LARTHOMAS, J.-P.; QUILLIEN, J. (ed.). *Cahiers Eric V*. Villeneuve d'Ascq: Septentrion, 1996, p. 11-36.
- SICHIROLLO, L. “Notizia bio-bibliografica”. In: WEIL, E. *Questioni tedesche*, 1982, p. 179-1801.
- SICHIROLLO, L. La discussion ou la dialectique des anciens. In: *Cahiers Eric Weil 2*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1989, p. 9-34.
- VILLARI, P. *Niccolò Machiavelli e i suoi tempi*. Firenze: Le Monnier, 1877-1922, 3 vol.
- WEIL, E. “Questions allemands I”. *Critique*, n. 1, 1946, p. 526-539.
- WEIL, E. “Questions allemands II”. *Critique*, n. 2, 1947, p. 456-466.
- WEIL, E. “Questions allemands III”. *Critique*, n. 3, 1947, p. 65-80.
- WEIL, E. “Machiavel aujourd'hui”. *Critique*, n. 7, 1951a, p. 233-253.
- WEIL, E. “La vie de Roosevelt et le cours de l'histoire”. *Critique*, n. 7, 1951b, p. 421-434.
- WEIL, E. J.-J. “Rousseau et sa politique”. *Critique* 8, 1952, p. 3-28.
- WEIL, E. *Essais et conférences 2*. Paris: Vrin, 1991, p. 189-217.
- WEIL, E. “Maquiavel hoje”. Trad. J. Castelo Branco. *Sofia*, v. 11, n. 2, 2022, p. 1-22. DOI: <https://doi.org/10.47456/sofia.v11i2.39493>
- WEIL, E. “Jean-Jacques Rousseau e sua política”. Trad. U. de Morais Rodrigues. *Perspectivas*, v. 8 n. 3, 2023, p. 247-276. DOI: <https://doi.org/10.20873/rpv8n3-98>.